

# Por uma Poética da Irreversibilidade

CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Org.).

*Ciência, razão e paixão*, Ilya Prigogine. Belém: EDUEPA, 2001.

Maria Aparecida Lopes Nogueira - UFPE

"Em minha mensagem às futuras gerações, gostaria de propor argumentos com o objetivo de lutar contra os sentimentos de resignação ou impotência. As recentes ciências da complexidade negam o determinismo; insistem na criatividade em todos os níveis da natureza. O futuro é incerto". Escreveu Ilya Prigogine, russo de origem, nascido em 1917, prêmio Nobel de Química em 1977, na tentativa de reafirmar a importância da incerteza na ciência atual.

Esta é uma das inquietações que perpassa a *Carta para as futuras gerações*, texto de abertura de *Ciência, Razão e Paixão*, uma coletânea de artigos fundamentais para se entender o pensamento de um cientista transdisciplinar, cujo trabalho contribui para adensar o fio tênue que liga, incessantemente, ciência, arte e vida.

O otimismo do autor espelha a convicção de que os homens podem construir um futuro melhor e de que é viável manter o pluralismo cultural, mesmo com o advento da globalização.

Muitas são as passagens ao longo do livro em que, fala da necessidade de convivermos com o espanto, as bifurcações e ambigüidades desreipeitando os limites da razão humana impostos por Kant. É tempo de aventurar-se, correr riscos. Mergulhar num mundo indeterminado, caótico, incontrolável, incerto, tema tão brilhantemente discutido em um dos seus livros mais importantes, *O Fim das Certezas*.

Mas esse mergulho supõe uma ciência metamorfoseada, reencantada, disposta a renovar seu diálogo com a natureza, de modo a reatar os elos que

existem entre elas, o que implica, também, "numa certa forma de espiritualidade". Estamos vivendo uma época de transição, de polêmicas, de novas aberturas. O movimento do autor é no sentido de rever o dualismo cartesiano que coloca de um lado o objeto *res extensa*, e, de outro, o sujeito *res cogitans*, sonhando com a unidualidade, a totalidade do real, o *Geist* dos idealistas alemães, tematizado sobretudo pela metafísica da infinitude de Scheelling.

A ciência moderna tem insistido em separar as ciências humanas das ciências da natureza. A alegação básica é de que, seguindo os postulados de Newton, o determinismo das leis da natureza e a reversibilidade do tempo não podem ser aplicados às humanidades. Essas características é que tornariam irremediável uma reconciliação entre as duas culturas.

Mas as descobertas científicas das últimas décadas apontam na direção das instabilidades, flutuações e tendências evolucionárias, principalmente os avanços na física e na química do não-equilíbrio. É distante do equilíbrio, ou seja, nos "pontos de bifurcação", que as "estruturas dissipativas" requerem equações indicativas da historicidade ou irreversibilidade.

Esse é um dos argumentos centrais do artigo *A Redescoberta do Valor e a Abertura da Ciência Econômica*, quando ressalta que os sistemas econômicos são, também, instáveis, caóticos, por isso é necessário reconhecer o papel construtivo da irreversibilidade nesses sistemas e trabalhar com "possibilidades".

Esses e outros temas encontram-se discutidos ao longo da coletânea de artigos que, apesar de heterogêneos e não-seqüenciais, estão correlacionados por uma teia de reflexões e obsessões. Uma delas trata da preocupação atual dos físicos com a evolução e a instabilidade, que se reflete em todos os domínios da ciência e na sociedade humana. Na verdade o que está em pauta é o papel das mudanças multidimensionais ocorridas como afirmação da historicidade, da flecha do tempo.

A partir daí Prigogine avança, concebendo a arte como metáfora da ciência atual. Ou seja, a arte pode ser o guia para uma reunificação entre o sensível e o inteligível, a poesia e a prosa, a ciência e o mito. Ela pode religar os fragmentos do real e contribuir para o rejuntamento entre o sujeito e o objeto.

Ao mesmo tempo, que exerce uma vigorosa crítica ao saber científico moderno, reitera que as noções de complexidade, instabilidade e incerteza são algumas das "ferramentas" que possibilitam pensar o incerto, inclusive no âmbito das ciências humanas.

À tonalidade combativa junta-se uma pulsação de esperança que reconduz o autor a um religamento com a natureza, tema principal do seu livro *A Nova Aliança*, escrito em parceria com Isabelle Stengers. Sob a égide desse religamento a natureza não mais é submetida às leis determinísticas; ela é ressignificada. É inventiva, poética, aberta à infinitas possibilidades; partilha com o homem e o universo, a flecha do tempo, o vir-a-ser. Somos filhos do tempo, não seu dono.

Essa concepção de uma natureza ativa e criativa possibilita a criação de uma ciência que "supera o ponto de vista eurocêntrico e engendra uma mensagem mais universal, mais aceitável para outras culturas". Como consequência, o autor aposta numa humanidade mais justa, mais igual e menos violenta, calcada na visão termodinâmica de um universo em evolução e na física do não-equilíbrio.

É nesse nível que ocorrem novas estruturas espaço-temporais e se produzem uma infinidade de bifurcações que exigem novas soluções. O

imprevisível, a possibilidade, o desmedido revela-se como tonalidade encontrada no próprio coração da natureza. Assim, até mesmo nossa previsão de futuro muda de significado, pois não se refere mais a um universo já dado, e sim, a um mundo onde as probabilidades representam um papel crucial.

O autor redescobre os aspectos positivos da irreversibilidade, destrói o Véu de Maia. A flecha do tempo encontra-se em todos os níveis, na cultura humana, na cosmologia e na biologia molecular. Agora a essência da natureza deve expressar-se no fato de que todos nós envelhecemos, os homens e o cosmo; talvez seja este o grande universal que nos une. "Com esta dimensão histórica do universo, o homem reencontrou o encantamento do mundo". O espanto com que devemos olhá-lo é tanto maior na medida que devemos nos confrontar com a realidade mais cruel: a morte.

O mesmo impulso que conduz ao tempo real, à morte e à incerteza, deve associar a flecha do tempo à inventividade e à liberdade. As prodigiosas idéias de Prigogine revelam um pensador múltiplo capaz de construir um conhecimento que oscila entre a razão e a paixão.

Ele demonstra que não há um abismo entre esses dois domínios, e que, sob a magia simultânea de Apolo e Dionísio, é possível produzir uma ciência arrojada, preocupada tanto com a realidade quanto com o enigma que envolve a condição humana.

A ciência, enquanto expressão de uma cultura, não pode mais negligenciar o papel da subjetividade. Essa idéia conduz o autor no último e belo artigo, que dá título ao livro, *Ciência, Razão e Paixão*.

Assim como a arte busca o transcendental, do mesmo modo a ciência se comporta, suscetível que é ao transcendente, em face das descobertas das últimas décadas.

Em momentos como esse que estamos vivendo, de procura de novas perspectivas, razão e paixão imbricam-se profundamente. As imagens sérias, duras, mecânicas e sombrias da razão requerem também o sobressalto, o sonho e a embriaguez da paixão.

Talvez tudo isto represente grandes riscos, mas é preciso assumi-los e aprender com a natureza. *"Chegou a hora de formarmos novas alianças [...] entre a história do homem, das sociedades humanas, do conhecimento humano e a aventura de investigar a*

*natureza. [...] Nosso tempo é de expectativas"*, estamos apenas no início de uma longa caminhada para a construção de uma ciência criativa, poética, metamorfoseada, reencantada, disposta a percorrer infinitamente o trajeto situado entre o real e o imaginário.